



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulher e Relações de Gênero

## LAERTE-SE: A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE ALÉM DO GÊNERO

Juliana Maria Duarte Marques

*Universidade do Estado do Amazonas – UEA, julianamdm@live.com*

**Resumo:** Em uma sociedade marcada por dicotomias de certo ou errado, céu ou inferno, direita ou esquerda, homem ou mulher, é apresentado o documentário “Laerte-se” (2017), cujo enredo conta um pouco da vivência da mulher trans Laerte Coutinho. O estudo procurou entender as questões de identidade de gênero sob a perspectiva da referida personagem, trazendo como contribuição a reflexão em torno da identidade como uma questão cultural. Neste diapasão, como objetivo geral: compreender a aplicação das questões de gênero sob a luz da vivência e local de fala da personagem no documentário. Como objetivos específicos: identificar a origem histórica do gênero como identidade; compreender a transexualidade a partir do depoimento da personagem na construção de sua identidade. Trata-se de um estudo exploratório e bibliográfico, utilizando-se do método dialético, com fundamentação em teóricos como Joan Scott (1995); Mario Carvalho e Sérgio Carrara (2013); e Judith Butler (2014), entre outros. Entre os obstáculos encontrados, destaca-se a escassa literatura autobiográfica ou relatos de vivência de pessoas trans. Após análise, percebe-se que o reconhecimento da identidade de gênero de Laerte como mulher trans vai além dos aspectos materiais e gramaticais que a sociedade estabelece ao gênero feminino, contribuindo no âmbito dos estudos sobre a sexualidade a perspectiva da identidade de gênero como uma construção muito mais complexa do que reduzi-la apenas aos atributos biológicos, reforçando o respeito ao devido local de fala da personagem de modo a valorizar as lutas dos movimentos sociais LGBTQI+ pelo respeito e tolerância no Brasil.

**Palavras-chave:** Identidade, Gênero, Transexualidade.

### INTRODUÇÃO

Os debates acerca das formas de orientações sexuais, sexualidade e identidade de gênero tem-se intensificado cada vez mais nos últimos anos, resultado das discussões sobre a diversidade como reflexo da sociedade de direitos, que traz à tona diversos movimentos sociais de grupos minoritários, até então desrespeitados e excluídos das políticas públicas, com alto índice de discriminação e violência, destacando-se entre eles a LGBTQI+. A produção de conteúdos visuais

sérios, seja por meio da rede de televisão ou pela internet, sobre o tema acarretaram maior visibilidade daqueles que representam os movimentos sociais, tendo em vista o alcance das informações em qualquer lugar e a qualquer tempo, permitindo o fomento de discussões e o desenvolvimento na busca do respeito as diversidades nos mais variados setores da sociedade.

Nesse contexto, em 2017, a empresa TrueLab em parceria com a Netflix produziu o primeiro documentário brasileiro no seu catálogo de serviços de *streaming* chamado LAERTE-SE,



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

com a direção de Lygia Barbosa e Eliane Brum, que também contribuíram com o roteiro em conjunto com Raphael Scire e Nani Garcia, esta última responsável pela edição do longa, e conta o cotidiano da cartunista e chargista brasileira Laerte Coutinho.

Nascida em 1951, na cidade de São Paulo, filha de um professor e uma bióloga, ingressa na Universidade de São Paulo (USP) na Escola de Comunicações Culturais e depois Comunicações e Artes, não concluiu os referidos cursos, porém não impediu que a sua carreira pública iniciasse na década de 1970, com a participação de seu personagem, de nome “Leão”, na revista SIBILA, consolidou seu nome posteriormente ao firmar outros trabalhos com veículos de comunicação de grande circulação da época como a Revista “Veja” e a “Isto é”, bem como no jornal Folha de São Paulo, entre outros projetos, tendo assumido a identidade de mulher trans no ano de 2009, com 58 (cinquenta e oito) anos de idade.

Através do documentário, é permitido observar que o reconhecimento da identidade trans mostra-se uma tarefa a ser construída diariamente pela cartunista. Partindo deste princípio, foi estabelecido como objeto do presente estudo a análise e compreensão da aplicação das questões de gênero sob a luz da vivência e local de fala da

personagem Laerte. Ao passo que os objetivos específicos para consolidação do objetivo estabelecido corresponde: identificar a origem histórica do gênero como identidade e compreender a transexualidade a partir do depoimento da personagem na construção de sua identidade.

Como metodologia utilizou-se a pesquisa exploratória e bibliográfica, tendo em vista que antes de adentrar ao tema, buscou-se a familiarização e em seguida o aprofundamento teórico em livros e pesquisas na internet. Em relação ao método, escolheu-se o dialético, cuja produção de conhecimento consiste no debate de contraposição de ideias no sentido de procurar refutar ou responder as indagações levantadas. (CORRÊA, 2018)

O presente artigo fundamenta-se nas ideias dos seguintes autores: Joan Wallach Scott (1995); Mario Carvalho e Sérgio Carrara (2013); Judith Butler (2014), João Paulo Zerbinati (2017); Maria Helena Diniz (2013); Jorge Leite Júnior (2008); Jaqueline Gomes de Jesus (2012); Maria Vital da Rocha e Itanieli Rotondo Sá (2013); Beatriz Pagliarini Bagagli (2017); Cristiane Gonçalves da Silva (2013).

Para finalizar, a temática foi dividida em duas partes, conforme os objetivos específicos. A primeira parte é “A origem do gênero como identidade” e a segunda parte “A



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

transexualidade como identidade de gênero a partir do depoimento de Laerte na construção de sua identidade”, entendendo como a melhor abordagem para o presente estudo.

### 1. A ORIGEM HISTÓRICA DO GÊNERO COMO IDENTIDADE

No século V a.C., o filósofo Heródoto de Halicarnasso, conhecido como o pai da história, já reforçava a necessidade das civilizações de “pensar o passado para compreender o presente e idealizar o futuro”, no sentido de enfatizar a importância do contexto histórico na busca de compreender como a sociedade se organiza hoje e assim construir um amanhã mais digno a todos. Cumpre salientar que tal afirmação não é diferente quando se trata da temática de sexualidade e identidade de gênero, visto que ao estudar o gênero no decorrer da história permite-se contextualizar o dinamismo e naturalidade como o assunto era tratado, de forma a desconstruir conceitos contemporâneos que mais expressam intolerância, discriminação e perpetuação de normas excludentes no que tange às políticas públicas afirmativas pleiteadas pelo movimento LGBTQI+ que presenciamos no país atualmente.

Por esta razão, o presente tópico está dividido em duas partes. A primeira abordará os estudos de gênero em geral realizados por

Joan Wallach Scott, voltado para as análises conceituais de gênero, ao passo que a segunda discorrerá acerca da história do gênero além do binarismo, voltado especificamente à identidade trans, objeto do presente estudo.

#### 1.1 A evolução dos estudos de gênero, segundo Joan Scott (1995)

Joan Wallach Scott é uma historiadora feminista, nascida nos Estados Unidos, que teve grande contribuição nos estudos de gêneros quando, ainda na década de 80, as discussões acerca do tema ainda eram voltadas no binômio sexo e gênero. Na sua obra “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, observa-se que a autora destacou três abordagens diferentes, conforme passaremos a seguir, que demonstram os estudos de gênero como parte essencial para entender as relações entre homens e mulheres, de forma a entendê-los não como uma categoria permanente, mas sim fluida.

A primeira abordagem, de cunho feminista, questiona-se a origem do patriarcado como uma necessidade de dominação masculina em face das mulheres. Divide-se em duas linhas de estudo: primeiramente, de que o domínio dos homens se justificava para fins de reprodução, tendo como expoentes Mary O’Brien e Sulamith Firestone; a segunda, defendida por Catherine MacKinnon, acreditava que a



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

sexualidade era a resposta para entender o patriarcado, utilizando-se de referências análogas e comparativas ao marxismo. Scott (1995) aduz algumas problemáticas advindas desta primeira abordagem, nas quais podemos citar a prevalência de uma ordem na organização social, a ausência de comparação de desigualdades com outros elementos da sociedade e, por fim, baseia-se na diferença física do masculino e feminino, o que transforma em caráter universal e imutável as questões históricas de gênero.

Já a segunda abordagem, tem forte influência das feministas marxistas, propõe-se a estudar a partir da análise das relações de um sistema dual: capitalismo e patriarcado, pois entendia-se, segundo Scott (1995), que a “explicação das origens e das transformações dos sistemas de gênero encontra-se fora da divisão sexual do trabalho”, colocando a família e a sexualidade como “produtos cambiantes de produção”. Como expositores, temos Engels, Joan Kelly e Heidi Hartmann, o primeiro tornou-se autor do livro “A Origem da Família”, a segunda, apresentou o ensaio “*The Doubled Vision of Feminist Theory*”, e a terceira, economista, afirmava que o capitalismo e o patriarcado configuram-se como dois institutos autônomos, porém atuam de maneira mútua. Como problemática apontada pela autora nesta abordagem está no fato de que esta

teoria trata os estudos de gênero como segundo plano, perdendo espaço para as relações econômicas.

Em seguida, a terceira abordagem, inspirada na psicanálise, divide-se em duas teorias para entender a identidade de gênero. A primeira fundamenta-se no pós-estruturalismo francês, utiliza as leituras pós-estruturalistas de Freud em conjunto com a teoria das linguagens de Jacques Lacan. Scott (1995) afirma que esta corrente enfatiza o papel da linguagem na comunicação, interpretação e expressão de gênero e defende o inconsciente como ponto crucial na construção do indivíduo. Como crítica, a autora entende que a teoria pós-estruturalismo francês fixa a posição binária masculino-feminino como aspecto permanente da condição humana. Ao passo que a segunda teoria, fundamenta-se na teoria anglo-americana de relação do objeto (*object-relation theories*), baseada na teoria da experiência concreta, entendendo o inconsciente como suscetível de compreensão do consciente. A autora aponta como problemáticas desta teoria, a análise limitada do conceito de gênero apenas no âmbito da família e experiências domésticas, não interagindo com outras relações como a economia, política ou qualquer outra relação



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

de poder, bem como não se discute a existência da desigualdade.

Após síntese das abordagens levantadas, cumpre mencionar a definição de gênero da autora, Scott (1995), que consiste em duas partes correlacionadas: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. Assim, as mudanças nas relações sociais interferem sempre nas relações de poder, enquanto que o gênero como elemento constitutivo envolve-se de quatro maneiras: a) com as relações simbólicas que são tratados os gêneros; b) aplicação de normas de origem religiosa, científica, políticas ou jurídicas, entre outras que limitam a interpretação dos símbolos; c) no debate acerca da representação binária do gênero; d) identidade subjetiva.

Resta claro o inconformismo da autora quanto aos estudos que eram feitos considerando apenas o mulheres e homens de forma imutável e inflexível, havendo por parte desta a necessidade de encontrar um conceito de gênero que possa responder todas ou grande parte das perguntas em torno do tema. Assim, identifica-se que gênero consiste nas diferenças sexuais, sendo estas colocadas de formas hierarquizadas conforme são construídas e representadas na

cultura de cada povo. No entanto, a autora não respondeu como são realizadas essas construções, cabendo buscar informações anteriores ao período entre os séculos XVIII e XX, tendo em vista a existência de registros sociológicos de civilizações que identificavam o gênero de forma dinâmica, ultrapassando a ideia binária das abordagens mencionadas, existentes desde a Idade Antiga até meados do século XVII.

### **1.2 A história do gênero além do binarismo masculino-feminino**

Após os conceitos sociológicos de gênero, é mister analisar a origem histórica da referida expressão a partir de uma seara que vai além do binarismo masculino e feminino, isto é, considerando a perspectiva de gênero como uma identidade característica da condição humana, no intuito de demonstrar que a fluidez ou transitoriedade entre os sexos não se trata de algo recente, aparecendo em várias civilizações desde a antiguidade.

Na Idade Antiga, período marcado pelo desenvolvimento da escrita, o culto a religiões politeístas e mitologias, podemos citar como exemplo, o mito de Tirésias, que conta a estória de um famoso adivinho, nascido em Tebas, que foi orar no monte Citorão, quando encontrou duas cobras copulando, até que os animais o atacaram e na intenção de se



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

defender, matou a cobra fêmea, no que tal atitude ensejou em um castigo de Zeus que o obrigou a viver como uma mulher. Somente sete anos depois, quando se viu na mesma situação, decidiu matar a cobra macho e assim retornou ao seu antigo corpo masculino. Outro registro importante é a existência da divindade mitológica Príapo, caracterizado como andrógono e hermafrodita, filho de Afrodite e Dionísio, significava fertilidade, não só humana, mas agrícola. Resta citar também Platão, que em sua obra chamada “O Banquete” dividia a espécie humana em três tipos: os filhos do sol (macho), as filhas da terra (fêmeas) e os filhos da lua (andróginos, possuidores de ambos os sexos). (ZERBINATI, 2017)

Já no Império Romano, os historiadores relatam a existência de imperadores que se travestiam ou realizavam condutas consideradas típicas femininas na época, como também ordenavam que fossem feitas cirurgias de redesignação sexual em escravos. (Zerbinati, 2017)

Outrossim, Diniz (2007) relata exemplos na história, o Rei Henrique III, da França, que em 1577, vestiu-se de roupas femininas chegando a comparecer diante de seus aliados políticos trajado dessa forma. François Timoléon, o Abade de Choisy, passou parte de sua vida sendo educado como uma menina e

tornou-se embaixador de Luiz XIV no Sião. Charles de Beaumont, ou Chevalier d’Eon, viveu 49 (quarenta e nove) anos como homem e 34 (trinta e quatro) como mulher, foi amante de Luis XV e disputava a rivalidade com Madame Pompadour.

Ademais, cumpre mencionar também a existência de outras civilizações no decorrer da história que se relacionavam com o gênero muito além do binarismo masculino e feminino, como as tribos primitivas da América do Norte, com a existência de um terceiro sexo chamado *berdaches* como identidade, cuja função atribuía-se a rituais xamãs. Outro exemplo corresponde a tribo esquimó denominada *inuítas*, vinda da região ártica do Canadá, Alasca e Groelândia em que algumas crianças mudavam de sexo no nascimento em um contexto ritualístico e religioso para tornarem-se xamãs. Não devemos esquecer também as amazonas, que mutilavam as glândulas mamárias das crianças nascidas com vagina, acreditando que assim facilitaria o treinamento de montaria em cavalos e arco e flecha. (ZERBINATI, 2017)

Acredita-se que a partir do momento em que o Império Romano estabeleceu o cristianismo como religião oficial, as relações sociais que designavam os papéis do homem e da mulher



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

foram normatizadas, colocando esta última como ser inferior.

[...] que a herança naturalista do pensamento médico até o século XIX advém da tradição do cristianismo medieval que colocou o prazer no campo da moral, da morte e do mal. A partir dessa naturalização, com a Revolução Francesa e o crescimento cientificista do século XVIII, houve o início da definição anatômica e fisiológica dos corpos humanos, assim como a diferenciação entre pessoas que possuíam vagina e as que possuíam pênis. (Zerbinati, 2017, p.25)

A moralização da sexualidade, com o início do domínio da Igreja Católica, era compreendido que qualquer desvirtuamento do que foi normatizado pela religião caracterizaria como pecado. Santo Agostinho, um dos teólogos e filósofos mais importantes do cristianismo foi um dos responsáveis por pregar a inferioridade da mulher em relação ao homem, bem como correspondeu o sexo ao pecado, havendo necessidade de controle rigoroso para não contrariar Deus. (ZERBINATI, 2017)

Zerbinati (2017) afirma ainda que tal mudança da organização social por conta do cristianismo como religião oficial influenciou os estudos acerca de gênero até o século XIX, no sentido de que as discussões somente eram voltadas nas definições anatômicas e fisiológicas do ser humano, no âmbito da medicina. Desta forma, houve um rompimento dos ideais cristãos e a sexualidade passou a ser vista como uma questão biológica, cujo discurso científico tratava-se de diagnosticar, tratar e curar.

Os resultados dos esforços da medicina e das ciências de um modo geral, interessados em descobrir as verdades fundamentais dos corpos humanos, tiveram a necessidade de criar definições para as práticas sexuais e identidades sexuais. Produzindo rótulos e demarcando o território entre o normal e o anormal, definindo, na sexualidade, perversões sexuais como problemas de patologia individual. (Zerbinati, 2017, p. 26)

No decorrer das décadas de 1960 e 1970, os discursos médicos começaram a se alinhar com a aparição e visibilidade dos movimentos sociais internacionais quando procuravam diagnósticos diferenciados para homossexuais (gays e lésbicas), transexuais e travestis, separando-os em categorias. Por exemplo, quando se referem aos gays, eram identificados como homossexuais os indivíduos que apesar de apresentarem características femininas, ainda eram observadas expressões masculinas, diferentemente dos transexuais que viviam em estado permanente do sexo oposto ao que nasceram.

Outras categorias também são apresentadas como *Drag Queens*, travestis e intersexos, este último grupo corresponde aos primeiros indivíduos que passaram por cirurgias e redesignação de sexo e foram fundamentais para entender a sexualidade e a transexualidade, objeto do presente estudo.

## 2. A TRANSEXUALIDADE COMO IDENTIDADE DE GÊNERO A PARTIR



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

### DO DEPOIMENTO DE LAERTE NA CONSTRUÇÃO DE SUA IDENTIDADE.

Diante do exposto no tópico anterior, verifica-se que até o século XVII, as questões de gênero e sexualidade eram analisadas sob a luz da filosofia e das crenças religiosas, no que, a princípio, não eram priorizadas as questões anatômicas dos corpos nascidos com pênis e vagina, passando em seguida pela ressignificação do termo gênero por influência do cristianismo, transformando em normas os papéis de cada sexo, sob pena de ser considerado pecado qualquer um que não correspondesse aos dogmas da religião. Somente a partir do século XVIII, os estudos acerca do tema foram tomando diferentes abordagens, ainda que sob a influência da fé cristã, na qual se consagrou o pensamento científico, cuja ideia inicial direcionava-se na busca de diagnósticos a estes indivíduos.

É nesse contexto que —identidades serão construídas, ideias e comportamentos serão naturalizados e/ou patologizado, e a busca pelo —verdadeiro sexo terá um lugar de destaque na formação desta nova maneira de pensar, lidar, sentir, organizar, vivenciar, ou mesmo discutir o sexo. (Leite Junior, 2008, p.57)

Seguindo esta perspectiva, para entender a transexualidade como uma identidade de gênero proveniente da condição humana utilizaremos o local de fala da personagem Laerte, presente no documentário LAERTE-SE, já qualificado nas

considerações iniciais do presente artigo, que em 2009 assumiu sua identidade trans, aos 58 (cinquenta e oito) anos de idade, considerando as falas da própria personagem no decorrer do longa.

Assim como na antiguidade, em que há relatos da existência de transitoriedade nas expressões de gênero, Laerte nos mostra justamente na sua vivência essa fluidez, indo além do binarismo cisgênero, homem e mulher, apresentando-se como mulher trans, filha, pai e avô ao mesmo tempo. É na fala de Rafael, filho de Laerte, que verificamos a sua relação familiar e o papel que ela se dispôs a cumprir na vida do neto, embora ainda permaneça na sua expressão de gênero como mulher trans:

[RAFAEL] Ele adora o meu pai [Laerte], adora! Dormiu esses dias lá na casa dele, a primeira vez, adorou. É o vovô, a gente combinou isso, eu, ele e meu pai. O que ele seria, vovó ou vovô? E aí o pai da Má tinha falecido, não tinha mais vovô e tinha tipo oito vós na mesa. E a gente perguntou se ele toparia ser vovô. Suprir uma lacuna. “Não, tudo bem.”. (trecho retirado do documentário Laerte-se, 2017)

Nesse sentido, corroborando com a fala de Rafael, Butler (2014) é enfática ao afirmar que não se pode limitar os conceitos de gênero ao ser ou ter, uma vez que tal expressão é o instrumento pelo qual o masculino e o feminino se manifestam em conjunto com outros fatores, como por exemplo, hormônios, genética, físicos e demais expressões



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

assumidas pelo gênero. No entanto, a autora complementa que não obstante se tome a referida definição como verdade, as normatizações de masculino e feminino são passíveis de desconstrução ou desnaturalização, tendo em vista que ao passo que estamos nos referindo à diversas formas de vivência como “confusão de gêneros, mistura de gêneros, transgêneros, cross-gêneros”, já entende-se como uma afirmação de que o gênero se move além do binarismo.

A partir dessa crítica ao discurso biológico, que antes de falar da transexualidade sob a perspectiva de Laerte, faz-se necessária a menção da noção do termo defasado “transexualismo”, que nos remete a ideia de que a transexualidade se trata de uma patologia, disposto no Código Internacional de Doenças – CID 10, código F640. Assim, o transexual seria o indivíduo “acometido de doença, passível de sofrer intervenções cirúrgicas reparadoras, capazes de adequar seu corpo físico ao sexo que possui em sua representação mental”. (ROCHA & SÁ, 2013) Cumpre mencionar também, que a princípio, o transexualismo se configurava-se como um “Distúrbio de Identidade de Gênero”, sendo substituído posteriormente por “Transtorno de Identidade de Gênero” e atualmente, no Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5),

denomina-se como “Disforia de Gênero”, que diferentemente das classificações anteriores, trata a transexualidade como um “estado psicológico de agudo sofrimento que necessita de intervenção, acima de tudo médica”. (ZERBINATI, 2017)

Considerando que a definição médica já está classificada e codificada, utilizaremos o questionamento feito a Laerte, constante no documentário, no que se refere à possibilidade de se identificar como mulher fora da questão do corpo.

De jeito nenhum pode deixar o corpo de lado. Mas também não pode se resumir ao corpo. **A questão do corpo é central, mas não pode ser tudo, senão a gente, uh, aceita a biologia como único norte, né?** Teu útero é teu destino, esse tipo de coisa. E não é assim. O corpo é uma parte de uma negociação complicada. (trecho retirado do documentário Laerte-se, 2017, grifos nossos)

Nesse contexto, apesar de entender a importância da questão biológica, que, segundo Laerte, não dá para desvencilhar, sua resposta vai na contramão ao posicionamento levantado pelo discurso médico quanto à necessidade de realização de procedimentos cirúrgicos para composição de sua identidade, entendendo que não se deve tê-la como algo predestinado e única opção ao indivíduo. O foco é tornar a questão de gênero sem se restringir ao discurso médico, que trata qualquer desvirtuamento como doença ou perversão sexual, mas sim tratar o assunto



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

como uma questão de identidade. Jesus (2012) afirma que “ao contrário do que muitos pensam, o que determina a condição transexual é como as pessoas se identificam, e não um procedimento cirúrgico”.

Então, o que é ser mulher? Em sintonia com a definição de Jesus (2012) citada no parágrafo anterior, Laerte emite a seguinte resposta:

**Eu tenho aprendido que é possível ser mulher com a minha genitália, sim. O que é se sentir mulher? É algo que eu me sinto. É algo que eu venho me sentindo cada vez mais.** Agora, é definitivo ou não? Quer dizer, você é mulher, pronto, acabou? Carimba. Não, por que esta questão está se tornando algo de menor importância. Acaba sendo assim: Para que eu preciso ser oficialmente mulher ou homem? Eu não estou construindo uma identidade feminina. Mas é que eu não preciso de identidade nenhuma. Pode ser que a identidade que eu já tenho funcione beleza. Sabe? (trecho retirado do documentário Laerte-se, 2017, grifos nossos)

Entretanto, embora a identificação como mulher trans de Laerte esteja além do binarismo, não quer dizer que esta não se veja diante de dilemas quando questionada acerca do seu corpo, que na época do documentário, não possuía tratamento hormonal, intervenção cirúrgica ou qualquer outra forma de ingerência que a aproxime da anatomia feminina.

O que quer dizer exatamente ter esse implante no meu corpo? Se eu estou convivendo com a ideia de que eu sou uma mulher, sem hormônios, sem quadril, e a ideia está factível pra mim, por que eu preciso de um peito, né? Então, está uma montanha-russa. Eu não sei, quando eu chego em casa e tiro o meu sutiã e o peito vai junto, eu fico pensando: "Poxa, eu gostaria que ele

ficasse", (trecho retirado do documentário Laerte-se, 2017)

Para Bagali (2017), o desconforto com o corpo que muitos transgêneros experimentam não corresponde como uma inconformidade com a cisgeneridade, bem como não entende que tal disforia é resultado de uma “suposta reprodução consentida de normas sociais”. A autora conclui que cada indivíduo trans procura a forma de aceitação do seu corpo, configurando-se muitas vezes como uma resistência ao que é imposto pela sociedade quando decidem permanecer com alguma característica que vai na contramão da identidade assumida.

Essa busca por aceitação, por mais que decorra da subjetividade de cada indivíduo, não podemos descartar a vivência de cada um na sociedade e tratando-se de transgêneros, não podemos ignorar o fato de que a violência e a intolerância a que estão vulneráveis são fatores determinantes em muitas escolhas tomadas por este grupo de indivíduos. Quando Laerte é indagada como se relaciona com o seu corpo, especificamente ao implante de seios, sua resposta ainda se mostra confusa em quatro verbos:

Nossa, está uma confusão cada vez pior. Em relação ao peito, eu estou me debatendo com quatro verbos. **O querer, o poder, o precisar e o dever.**

[...]



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Eu sei que eu não preciso. **Eu não preciso, eu existo sem peito. Agora, eu quero. Mais recentemente, eu posso. Eu tenho meios para isso. Muito bem. E o devo? O devo é uma questão muito perturbadora porque diz respeito ao olhar dos outros. Eu sempre ouço, quando penso nesse verbo, eu sempre ouço a filha da p\*\*\* da fascistoide lá, enfiando o dedo na minha cara e perguntando: "E o seu peito, quando você vai pôr?" Por que? Porque isso é um documento, né? E é mesmo. É mesmo.** (trecho retirado do documentário Laerte-se, 2017, grifos nossos)

Para Laerte, percebe-se o conflito que o verbo “dever” está pesando na sua decisão, é claro que ao mesmo tempo que ela tem um desejo de colocar uma prótese, ela também não quer que aquilo defina sua identidade para os outros, citando como exemplo, um caso de intolerância em que foi vítima. Silva (2016) coloca a identidade como algo histórico e cultural, vez que a sua expressão se dá pelos “atributos, comportamentos e papéis convencionalmente estabelecidos para machos e fêmeas”. Tanto é verdade, que citamos a tribo das amazonas, cuja cultura permitia a mutilação das glândulas mamárias das mulheres para auxiliar na montaria e arco e flecha. Logo, vivemos em uma sociedade com heranças deixadas pelo cristianismo da Idade Média, que prioriza os atributos anatômicos femininos para estabelecer o que é ou não ser mulher, reduzindo ou ignorando qualquer outra concepção que não se enquadre dentro do que foi estabelecido.

Este conceito biológico está enraizado e se mostra, inclusive, dentro dos próprios movimentos sociais, no discurso de transgêneros e travestis que passaram por qualquer procedimento cirúrgico que auxilie na reafirmação de sua identidade em face daqueles que ainda não tem em seus corpos quaisquer intervenção médica. Nesse sentido, Laerte condena a falta de empatia e respeito as diversas vivências e nega que tais indivíduos representem o grupo.

É estabelecer uma coisa assim: "Nós somos mulheres.". Por causa dessa visão de "nós somos mulheres" elas também se arrogam no direito de cobrar: "você é mulher?" Eu digo: sou. "Cadê o seu peito?". Você pode perguntar: "Cadê a sua b\*\*\*\*\*?". Porque boa parte ali fez a operação de redesignação e se considera mais graduada do que quem não fez. Você percebe? Há uma questão corporativa, uma questão de quesitos e requisitos a se cumprir. Há uma questão de carteirinha. É um horror isso, um horror! A atuação dessas pessoas é de uma truculência absolutamente masculina. Sabe, o modo como as pessoas se ofendem, como se impõem, como dão porrada e dizem que isso é assim, travesti é assim. Travesti não é assim. (trecho retirado do documentário Laerte-se, 2017)

Carvalho e Carrara (2013) explicam muito bem essas divergências ideológicas dentro do movimento LGBTQI+, especialmente no que diz respeito a briga pelo fortalecimento da identidade das travestis para não serem incluídas no “T” junto com os transgêneros. A partir do depoimento de Tathiane Araujo, entrevista em 19/11/2010, os autores observaram a existência de categorias dentro



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

do movimento quando a mesma afirma “travesti operado, travesti”. Em harmonia com os autores, Laerte sugere a existência de um corporativismo dentro do movimento:

Por exemplo, a ideia de que há uma identidade travesti e transexual. Inegável, verificável com determinados sinais, que tem o poder de excluir quem não se enquadra. É o corporativismo trans, né? (trecho retirado do documentário Laerte-se, 2017)

O fulcro da independência identitária das travestis configura-se na busca de políticas públicas exclusivas a este público alvo por entenderem que possuem vivências distintas, isto é, enquanto as organizações de travestis aparecem diante de violência policial e AIDS, as organizações voltadas aos transgêneros buscam entender a transexualidade e acessos às inovações médicas de transformação do corpo.

Travesti e transgêneros são pessoas dignas de serem consideradas humanas. Elas não estão ali fazendo palhaçadas. Elas não estão se exibindo, elas estão usando a condição, a identidade feminina que corresponde ao desejo íntimo delas. (trecho retirado do documentário Laerte-se, 2017, grifos nossos)

Essa relação à confiança que Laerte tem com o próprio corpo mostra-se que esta é construída diariamente, indo além dos conceitos de identidade de gênero reducionistas biológicos, apresentando o discurso abaixo:

Eu também chego numa outra possibilidade que é: não existem homens e mulheres. Então, em princípio somos seres humanos e a

gente tem essas disposições. Essas disposições são também, são convenções, são possibilidades, são linguagens. Se estou cada vez mais compreendendo que a questão de gênero é pra ser tratada como uma construção cultural mesmo, que não é um... Que não foi criado por Deus, então eu posso rever tudo, né? (trecho retirado do documentário Laerte-se, 2017)

Por derradeiro, vislumbra-se que, para Laerte, a questão de gênero deve ser tratada considerando os aspectos culturais, entendendo que o modo como nos relacionamos enquanto indivíduos que vivem em sociedade são oriundos de convenções normatizadas por costumes, porém com a possibilidade de desconstruir e reconstruir nossos pensamentos para acompanhar a evolução da humanidade.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ante o exposto, não restam dúvidas quanto à existência de inúmero debates acerca dos conceitos de gênero, atraindo estudiosos de diversas áreas do conhecimento ao longo da história para entender a complexidade do desenvolvimento humano diante da busca de uma identidade.

É mister destacar, que da mesma forma que os discursos estão evoluindo para um entendimento mais abrangente com reconhecimento de direitos individuais, contemplando diversos grupos ainda marginalizados, o índice de violência e



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

intolerância em face da população LGBTQI+ também está crescendo. Uma das formas de evitar que o preço da visibilidade seja pago com o sangue de inocentes ainda é a busca pelo conhecimento, não só aquele presente nos livros e no meio científico e acadêmico, mas também de conhecer pessoas e suas vivências. Nesse sentido, nada melhor do que conhecer alguém que está alcançando sua liberdade, que é o caso da Laerte. A cada dia, sente-se mais livre para ser quem acredita que é e não se fecha a novas possibilidades de mudanças, pois não sabe o dia do amanhã. Caso se identifique ainda como mulher ou como homem futuramente, não cabe a sociedade determinar, somente a própria.

Laerte, como mulher trans, vai além dos aspectos materiais e gramaticais que a sociedade estabelece ao gênero feminino, é filha, amiga, pai e avô, deixando por meio do documentário “Laerte-se” sua perspectiva de vida, contribuindo, ainda que de forma involuntária, nos estudos sobre a sexualidade e reconhecimento de identidade de gênero como uma construção muito mais complexa e apaixonante, pois não se trata apenas de reduzir o indivíduo aos atributos biológicos de nascimento, mas de respeitar o devido local de fala e a subjetividade de cada, sem algemas sociais, de modo a valorizar as lutas por respeito e tolerância protagonizada

pelos movimentos sociais, em especial o LGBTQI+.

Portanto, sabe-se que ainda há muito o que lutar contra esse sistema cis heteronormativo estruturado, cuja perpetuação só acarreta na marginalização e escassez de registros autobiográficos ou relatos de vivência de pessoas trans. Colocar-se como antagonista desse sistema é dar importância a trabalhos como o primeiro documentário brasileiro no catálogo de serviços de *streaming* da Netflix, “Laerte-se”, que nos possibilita ter um pouquinho da vivência dessas pessoas dentro das nossas casas e conseqüentemente, trabalhar na desconstrução e reconstrução de identidades.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. **Orientação Sexual na Identidade de Gênero a partir da Crítica da Heterossexualidade e Cisgeneridade como normas.** Letras escreve, v.7, n.1, p.137-164, janeiro-julho, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/view/3073>>. Acesso em: 03/09/2018.

BUTLER, Judith. **Gender Regulations.** In: \_\_\_\_\_. *Undoing Gender.* Nova York: Routledge, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332014000100249](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332014000100249)>. Acesso em: 20/08/2018

CARVALHO, Mario; CARRARA, Sérgio. **Em direção a um futuro trans?**



# XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

## **Contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil.**

Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-64872013000200015&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-64872013000200015&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 20/08/2018

DINIZ, Maria Helena. **O estado atual do Biodireito** / Maria Helena Diniz. – 4. Ed. Revista e atualizada conforme a Lei n. 11.105/2005. – São Paulo: Sairaiva, 2013.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero : conceitos e termos** / Jaqueline Gomes de Jesus. – 2. Ed. revista e ampliada. Brasília, 2012. Disponível em <<https://pt.scribd.com/document/87846526/Orientacoes-sobre-Identidade-de-Genero-Conceitos-e-Termos>>. Acesso em 02/09/2018.

LAERTE-SE (2017). Direção: Lygia Barbosa da Silvia e Eliane Brum. Distribuição: Netflix. Disponível em: <<https://www.netflix.com/title/80142223>> Acesso: 20/08/2018.

CORRÊA, Luiz Nilton. **Metodologia Científica: Para trabalhos acadêmicos e artigos científicos** / Luiz Nilton Corrêa. Florianópolis: Do autor, 2018.

LEITE JUNIOR, Jorge. —**Nossos corpos também mudam”: sexo, gênero e a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico.** (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo: 2008. Disponível em <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp074600.pdf>> Acesso em: 06/09/2018.

ROCHA, Maria Vital da. SÁ, Itanieli Rotondo. **Transexualidade e o Direito Fundamental à Identidade de Gênero.** *In*: RIDB, a. 2, n. 3, 2013, p. 2.337-2368. Disponível em <

[https://www.cidp.pt/publicacoes/revistas/ridb/2013/03/2013\\_03\\_02337\\_02364.pdf](https://www.cidp.pt/publicacoes/revistas/ridb/2013/03/2013_03_02337_02364.pdf)>. Acesso em 07/09/2018.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99. Revisão de Tomaz Tadeu da Silva a partir do original inglês (SCOTT, J. W.. Gender and the Politics of History. New York: Columbia University Press, 1988. PP. 28-50.), de artigo originalmente publicado em: Educação & Realidade, vol. 15, nº 2, jul./dez. 1990. Tradução da versão francesa (Les Cahiers du Grif, nº 37/38. Paris: Editions Tierce, 1988.) por Guacira Lopes Louro. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>>. Acesso em: 20/08/2018.

SILVA, Cristiane Gonçalves da. **Unidade 1 – Sexualidade: Dimensão conceitual, diversidade e discriminação. Semana 3 – Orientação Sexual, Identidades Sexuais e Identidade de Gênero.** Universidade Federal de São Paulo. São Paulo, 2013. Disponível em: <[http://www.comfor.unifesp.br/wp-content/docs/COMFOR/biblioteca\\_virtual/GDE/mod3/Semana3\\_Mod3\\_GDE.pdf](http://www.comfor.unifesp.br/wp-content/docs/COMFOR/biblioteca_virtual/GDE/mod3/Semana3_Mod3_GDE.pdf)> Acesso em: 20/08/2018.

ZERBINATI, João Paulo. **Desvelando a vivência transexual: gênero, criação e constituição de si mesmo** / João Paulo Zerbinati. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista – UNESP, São Paulo: 2017. Disponível em: <[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/152491/zerbinati\\_jp\\_me\\_arafcl.pdf?sequence=3](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/152491/zerbinati_jp_me_arafcl.pdf?sequence=3)> Acesso em: 03/09/2018